



Uma leitura contracolonial do romance *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior*

A countercolonial reading of the novel *Torto Arado* by Itamar Vieira Júnior

Harlon Homem de Lacerda Sousa¹

Resumo: O presente trabalho objetiva construir uma reflexão sobre a literatura a partir de uma cosmopercepção contracolonial e amefricana. A ideia de cosmopercepção aqui é discutida a partir do pensamento da filósofa nigeriana Oyeronke Oyewumi (2021) como um descentramento da Weltanschauung eurocêntrica. A ideia de amefricanidade de Lélia Gonzalez (2020) é pensada como um conceito que coliga um posicionamento não-ocidental do mundo e proporciona a fundamentalidade do pensamento de Antonio Bispo dos Santos (2023) dentro de uma perspectiva epistemológica não-eurocêntrica e não-ocidental também em literatura. Através de uma análise contracolonial (conceito do pensador quilombola Nego Bispo) da trajetória das narradoras do romance de Itamar Vieira Júnior buscamos apresentar uma contribuição aos estudos literários sob categorias de análise não-ocidentais e de uma noção de literatura emancipatória e descentralizante além de promotora de realidade representantes e não apenas representadas.

Palavras-chave: Cosmopercepção. Contracolonialidade. Trajetória. Romance. Nego Bispo. *Torto Arado*.

Abstract: The present work aims to construct a reflection on literature from a countercolonial and American world-sense. The idea of world-sense here is discussed based on the thought of the Nigerian philosopher Oyeronke Oyewumi (2021) as a decentering of the Eurocentric Weltanschauung. Lélia Gonzalez's (2020) idea of amefricanity is thought of as a concept that brings together a non-Western positioning of the world and provides the fundamentality of Antonio Bispo dos Santos' (2023) thought within a non-Eurocentric and non-Western epistemological perspective also in literature. Through a countercolonial analysis (concept of the quilombola thinker Nego Bispo) of the trajectory of the narrators of Itamar Vieira Júnior's novel, we seek to present a contribution to literary studies under non-Western categories of analysis and a notion of emancipatory and decentralizing literature, in addition to promoting reality representatives and not just represented.

Keywords: Worldsense. Counterconiality. Trajectory. Novel. Nego Bispo. *Torto Arado*.

¹ Investigador de Pós-Doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC) / Professor da Universidade Estadual do Piauí – Campus Professor Possidônio Queiroz (UESPI-Oeiras). E-mail: harlonhomem@ors.uespi.br / harlonhomem@ces.uc.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5722-2953>.

* Artigo recebido em 30 de junho de 2024. Aceito para publicação em 01 de agosto de 2024.

Estudar e refletir sobre a literatura é um exercício hermeticamente voltado para dentro do mundo acadêmico. Uma espécie de universo outro, distante do mundo real. Nós falamos cada vez mais sozinhos e, às vezes, nem as paredes querem nos ouvir. Qual ou quais os problemas que levaram o pensador e/ou crítico de literatura a uma constatação tão desoladora? Acreditamos que não haja uma resposta para tal questão, mas, na perspectiva de quem olha de dentro para fora, tentando certa imparcialidade na reflexão, é possível que tal problema esteja relacionado, entre outras coisas, ao estilo retórico-discursivo acadêmico, argumentativo, dissertativo, descritivo que utilizamos em nossas comunicações, artigos, teses e dissertações. Não há leitura mais enfadonha e distanciadora (não distanciada) que a de um texto acadêmico em seus floreios e chavões característicos de uma postura pedante de alguns autores. Mas, como resolver esta questão? Há uma série de regulações, normas e técnicas instituídas e que determinam como um texto acadêmico deve ser apresentado. Podemos, obviamente, usar certa criatividade em alguns momentos, buscar até um estilo oralizado na construção de nossos pensamentos, mas, mesmo assim, acabamos enformados e parametrizados numa rede de produção mecanizada, opressora e hierarquizada. Outra maneira que pode iniciar um processo de corrosão dessa mecanização é a busca por outras epistemologias ou, mais do que isso, outras cosmopercepções. Ao forçarmos a nossa percepção do mundo para fora da visão eurocentrada e ocidental podemos quebrar ou pelo menos trincar a enformação que nos prende, limita e enreda. Neste trabalho, iremos apresentar reflexões iniciais de um projeto de investigação em nível de pós-doutoramento em curso no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. O projeto tem como finalidade a produção de um livro de cosmologias da literatura fundado na análise de obras de escritores e escritoras brasileiras e em categorias de pensamento contracoloniais e não-ocidentais de pensadoras como Oyeronke Oyewumi, Lélia Gonzalez e Antonio Bispo dos Santos, o Nego Bispo. Para este ensaio, faremos um recorte de análise centrado no romance *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior a partir de uma leitura contracolonial.

Vale ressaltar que a contracolonialidade é um conceito-semente criado por Antonio Bispo dos Santos e que se estrutura a partir do pensamento quilombo-la e participante. Embora a raiz da contraocolonialidade seja não-acadêmica, ela foi construída em oposição a uma ideia acadêmica de decolonialidade ou pós-colonialidade. Assim, ela se coliga a uma vontade epistemológica de deslocamento de um pensamento dominante e colonizador e que ganha em Nego Bispo potência de estruturação de um método epistemológico fundamental para repensarmos os estudos literários no Brasil e a partir do Brasil. Reiteramos, como Nego Bispo, que o ato de nomear é um processo fundamental para a rearticulação política, ideológica, simbólica e filosófica de um povo. A construção, portanto, de uma gramática

contracolonial dentro de uma análise acadêmica participante (não tradicional ou centrípeta) está por ser feita e, acreditamos, na área de crítica e teoria literária podemos construir tal gramática a fim de contribuir com uma nova forma de pensar o fenômeno estético-literário.

Neste sentido, junto ao pensamento de Nego Bispo, mobilizamos outros conceitos-chave de cariz não-ocidental e não-eurocêntrico que nos permitem sulevar o pensamento literário de forma estrutural e enraizada em outras epistemologias. Um destes conceitos é o da filósofa nigeriana Oyeronke Oyewumi que faz uma reflexão não apenas metodológica e epistemológica, mas propõe uma descentralização da própria forma de percebermos o mundo. Ao entender que o termo cosmovisão, visão de mundo, *worldview* ou *Weltanschauung* - embora tenha, com o passar do tempo, revestido-se de um senso comum - tem uma origem conceitual e filosófica fundada num determinado universo moral, ético e epistemológico. A própria ideia de percebermos o mundo a partir da visão é sintoma de um pensamento que está desconectado da terra, que hierarquiza a relação entre o humano e o orgânico a partir de uma postura racional, “pura” e logocêntrica. Esta desconexão com o mundo possibilita olhá-lo “de cima” e “de fora” para analisá-lo e se impor diante de qualquer coisa que fuja ao padrão eurocêntrico, patriarcal, cristão etc. É neste sentido que a reflexão de Oyewumi apresenta a noção de *world-sense* ou cosmopercepção (na tradução brasileira) como uma outra maneira de percebermos o mundo a partir do modo de vida iorubá.

A razão pela qual o corpo tem tanta presença no ocidente e que o mundo é percebido principalmente pela visão. A diferenciação dos corpos humanos em termo de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver”. o olhar é um convite para diferenciar. Distintas abordagens para compreender a realidade, então, sugerem diferenças epistemológicas entre as sociedades. Em relação à sociedade iorubá, que é o foco deste livro, o corpo aparece com uma presença exacerbada na conceituação ocidental da sociedade. O termo “cosmovisão” (*worldview*), que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção” (*world-sense*) é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (Oyewumi, 2021, pp. 28-9).

A ideia central, portanto, é incluir e não excluir; horizontalizar e não hierarquizar; pensar e perceber a partir da circularidade e não da linearidade. Ao estabelecermos um diálogo entre a ideia de contracolonialidade e cosmopercepção estamos construindo uma metodologia de reflexão não-ocidental e, portanto, não-eurocêntrica que nos ofereça a possibilidade de refletir sobre o fenômeno literário

a partir de outras bases epistemológicas, outras categorias de análise e outros horizontes de expectativa para a leitura e compreensão da narrativa, como é o foco deste ensaio. A relação entre a ideia de *world-sense* de Oyewumi e as categorias do pensamento de Nego Bispo possibilita o deslocamento da própria ideia de literatura em relação à *mimesis*, como representação da realidade, para a de literatura como representante, uma materialidade capaz de criar realidades ou interpretações e sentimentos outros sobre a realidade ou realidades de forma descentralizada e múltipla. Essa forma de compreensão do fenômeno literário como representante de outras realidades dota a narrativa de um potencial transformador da própria História e da maneira com que pensamos e posicionamo-nos em nosso lugar e participação no mundo. Outra categoria fundamental em nossa proposta é a de amefricanidade construída por Lélia Gonzalez.

As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade (Amefricanity) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos iorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que a categoria de amefricanidade está intimamente relacionada àquelas de pan-africanismo, négritude, afrocentricity etc.

Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo (Gonzalez, 2020, pp. 134-5).

A categoria de amefricanidade surge entre a contracolonialidade e a cosmo percepção como um elo de ligação entre as duas, o que possibilita a construção de uma epistemologia não apenas brasileira ou latinoamericana, mas não-ocidental. Ao forjar a dinâmica da amefricanidade junto a ideia de afrocentricidade, Gonzalez abre um universo não-eurocêntrico para a construção de uma metodologia de pensamento social, ético e estético que conflui com o pensamento de Antonio Bispo dos Santos e de Oyeronke Oyewumi. Ao trazermos essas categorias de pensamento e mobilizarmos os operadores conceituais descritos acima, estamos promovendo a construção de um debate que procura deslocar não apenas a crítica literária, mas também e principalmente a teoria literária “pura” de sua matriz eu-

rocêntrica e racional, distanciada e “científica” para uma teoria que seja uma cosmologia ou cosmologias de relação entre múltiplas linguagens e maneiras de perceber o lugar da literatura no mundo e nas sociedades.

Como veremos a seguir, a mobilização de tais categorias vinculadas ao pensamento de Nego Bispo abre possibilidades de crítica e análise do texto literário de maneira horizontal. O romance *Torto Arado* apresenta-se como um exemplo importante, mas não o único de reflexão sobre a literatura contemporânea (ou em qualquer de suas temporalidades) passível de um exame outro, com uma linguagem outra e a construção de uma metodologia outra, alternativa e integradora. Trata-se aqui de um ensaio inicial fundado em considerações ainda em processo de reflexão que convida as pessoas interessadas a contribuir, num esforço coletivo de descentramento e descolonização, ou contracolonização da própria teoria literária. A pesquisa de pós-doutoramento da qual resultará um livro de cosmologias da literatura está prevista para ser concluída em janeiro de 2026. Caso obtenhamos êxito em nossas reflexões teremos a possibilidade de abrir um debate mais amplo sobre a descolonização das ementas de disciplinas e projetos pedagógicos dos cursos de Letras em busca de mais espaços para estudos e teorias não-eurocêntricas da literatura forjadas no sul global em diálogo com outras visando a uma teoria da inclusão em detrimento das teorias de exclusão tão evidentes em nossos programas.

Análise do romance *Torto Arado*

Começo, meio, começo. Fio de corte, torto arado, rio de sangue. O modo circular da narrativa de Vieira Jr fundada na escrevivência é o que estrutura a história. Uma história fundada na circularidade e na organicidade. Tais conceitos são importantes para compreendermos como forma e conteúdo narrativos apresentam-se de maneira inextricável. Acompanhamos a visão da infância de Bibiana e Belonisia, através da voz de Bibiana, até a sua partida de Água Negra. Em seguida, somos arrebatados pela voz de Belonisia que narra as dores e angústias da vida adulta além de uma percepção cada vez mais consciente do mundo de exploração vivido na fazenda até a compreensão de que aquela se trata de uma terra quilombola. Na terceira parte, somos elevados ao mundo dos encantados através da voz de Santa Rita Pescadeira. Ao estabelecermos os conceitos de circularidade e organicidade como fundamentais para a narrativa ou para as narrativas, temos como base o pensamento de Antonio Bispo dos Santos em sua obra filosófica (livros e falas). A circularidade é o parâmetro espaço-temporal de uma cosmopercepção afropindorâmica politeísta em oposição a uma linearidade eurocristã monoteísta. A ideia de começo, meio, começo sustenta a capacidade de renovação permanente da vida e dos modos de viver, sentir e ser de um povo, de uma comunidade que vive

de maneira orgânica com a terra e com a ancestralidade. O pensamento de Bispo, sendo um pensamento construído pela palavra poética e pelos ensinamentos de seus ancestrais, de sua luta, de sua formação histórica e política, coliga-se à narrativa de Itamar Vieira Júnior de maneira natural e orgânica. A organicidade que encontramos na narrativa, além desta característica heterárquica, também pode ser percebida nas oposições entre a trajetória das irmãs e da encantada e de personagens centrais como Zeca Chapéu Grande e, que queremos destacar aqui, Salustiana Nicolau - a Salu. Há uma relação de pertencimento à terra, de relação com a natureza que se contrapõe diametralmente à relação que a família Peixoto ou Salomão têm com a mesma terra - uma relação sintética. Entre os quilombolas de Água Negra há um envolvimento ancestral, atemporal e cósmico com o lugar, enquanto os “proprietários” da terra mantêm uma visão voltada unicamente para o desenvolvimento de suas próprias fortunas. A formação da consciência de Bibiana, Belonisia e Salu é uma formação coletiva, histórica, que toca várias comunidades quilombolas do Brasil. O caráter coletivo de tal formação reforça a organicidade das narrativas com uma história por ser contada, mas que já encontra uma fundamentação filosófica no pensamento de Nego Bispo. Neste sentido, a noção de contracolonialidade se estabelece como uma ferramenta de reivindicação histórica, filosófica, estética e político-ideológica necessária para a reconstrução do território onde hoje se encontra o Brasil.

Para procedermos com uma leitura contracolonial do romance *Torto Arado* lançamos mão também de alguns conceitos construídos no que entendemos ser um movimento de contraposição à visão eurocêntrica e ocidental de mundo, como antecipamos acima. Acreditamos que a ideia de cosmopercepção (*world-sense*) construída pela pensadora nigeriana Oyeronke Oyewumi tem um papel central neste movimento quando, na sua reflexão, ela entende que há outras maneiras de perceber o mundo além do uso monolítico da visão. Sendo que a visão carrega um sentido moral, cristão, iluminista de relação distanciada com a natureza, com o cosmos, com o mundo sensível e, portanto, limita outras formas de compreensão do mesmo mundo. Assim, postulamos uma postura não apenas epistemológica, mas de princípio moral, ideológico, estético e humano não-ocidental de construção dessa percepção. A cosmopercepção alinha-se à contracolonialidade e aponta para direções outras de compreensão da narrativa, das narrativas, da própria história e do conhecimento humanos. Fixado este princípio, arrolamos ainda o conceito de escrevivência, da pensadora e escritora Conceição Evaristo, como um conceito estruturante de um tipo de estética literária que não se volta apenas para a representação do mundo, mas evoca uma comunhão permanente entre estética e ética na elaboração literária das trajetórias de um povo. Estas trajetórias, mesmo estruturadas na representação personificada em corporalidades textuais individu-

alizadas em nomes de personagens, carregam trajetórias semelhantes no mundo da vida e emanam força coletiva como discurso representante de sensibilização e formação de consciências. Unir, portanto, estes conceitos fundamentais deixa-nos perceber não apenas *Torto Arado* como um romance fundante, mas toda uma produção literária e filosófica que reivindica lugar através do conceito de aquilombamento de Beatriz Nascimento. A noção de aquilombamento como uma postura ética, mas também estética, de união, pertencimento, territorialidade, ancestralidade e luta por reconhecimento e por construção de um pensamento não-ocidental e, portanto, contracolonial materializado em obras de escritores, escritoras, pensadores, pensadoras, militantes, pessoas e povos de trajetória. Pessoas não teóricas, mas cosmológicas. Tradutores de linguagens ancestrais para linguagens outras que se comunicam com os mais diferentes tipos de posicionamento ético e estético no mundo contemporâneo. Nessa circularidade cosmológica de conceitos e categorias, funda-se a nossa análise de *Torto Arado*.

A voz de Bibiana que acompanhamos no fio de corte, primeira parte do romance, é a voz de uma criança, da geração filha, que nutre curiosidade e encantamento pelos segredos da geração avó, materializada na figura de Donana. O acontecimento que traz angústia ao leitor nas primeiras páginas da narrativa é o fio que tece a trama, o objeto que acompanha a ancestralidade dessas mulheres: o corte com a faca de cabo de marfim. O corte que emudece Belonísia e transforma Bibiana na portadora da voz das irmãs e que, com a influência de Severo, torna-se a voz da comunidade. A sensibilidade coletiva de Bibiana pode ser verificada ainda no início, como podemos constatar no seguinte trecho:

Nunca havíamos andado no Ford Rural da fazenda ou em qualquer outro automóvel. E como era diferente o mundo além de Água Negra! Como era diferente a cidade com suas casas grudadas umas às outras, dividindo paredes. As ruas calçadas com pedras. O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda eram de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. Ninguém escaparia. Só pudemos observar tudo aquilo durante o retorno, em lados opostos do veículo, com nossa mãe ao meio, absorta em pensamentos que nosso alarido havia precipitado em seu íntimo (Júnior, 2019, p. 20).

A constatação de um outro mundo, de outras relações de configuração espacial através da descrição das casas da cidade e das ruas de pedra. Pedra dura, pedra que torna a terra inacessível aos pés, que separa. Mas, uma constatação que evoca a relação íntima com a terra de quem pisa no barro, que não é apenas terra, mas tudo, é uma relação cosmológica. Uma relação atávica, que se constitui como

extensão e pertencimento. A criança Bibiana carrega em seu íntimo a noção primeira que a terra viva tem com ela e com seu povo, uma noção que atravessa a percepção narrativa dessa personagem e encontra eco na filosofia de Nego Bispo, quando ele apresenta a visão da cidade para os povos de trajetória:

O cidades e cosmofobia que é a cidade? É o contrário de mata. O contrário de natureza. A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram (Santos, 2023, p. 41).

O estranhamento que Bibiana tem da cidade é compreendido na fala de Bispo através do conceito de cosmofobia que acompanha a artificialidade da “humanização” do território e do espaço. As ruas de pedra que excluem outras possibilidades de vida são imediatamente percebidas pela criança quando ela destaca a relação entre vida e morte ligadas à terra onde ela vive. A confluência entre o pensamento de Nego Bispo e a narrativa de Bibiana é representativa desta cosmopercepção não-ocidental ou desta percepção cosmológica de pertencimento ao território.

Através da narrativa amadurecida de Belonísia, na segunda parte do romance, temos a formação da consciência de quem passou pela mudez, pela violência, pela solidão e que sente necessidade de contar a história de seu povo, contar histórias, materializar em cadernos a vida das pessoas que carregam os ensinamentos ancestrais. Imediatamente somos carregados à trajetória de Carolina Maria de Jesus, ao lermos o seguinte trecho:

Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos com o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. Teria deixado a curiosidade que tive ao ver a faca com cabo de marfim se transformar na curiosidade pelo que poderia me tornar, porque de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade (Júnior, 2019, p. 170).

Além do transporte imediato para a trajetória de Carolina Maria de Jesus, que materializou o seu cotidiano de sofrimento e sonho em diários e cadernos que encontrava no lixo a fim de externar seus pensamentos de forma não apenas estética, mas ética, entendemos o trecho acima como a materialização da ideia de escrevivência. Um estilo estruturante de escrita coletiva feita para contar, mas

também para formar, para carregar junto um povo inteiro e não apenas descrever ou enunciar um discurso. A escrevivência de Belonísia, que conta a trajetória e vicissitudes do mundo adulto de uma mulher em *Água Negra*, marca o momento de conscientização e formação coletiva, de busca pelos direitos, de necessidade de reivindicar a territorialidade e, finalmente, a posse de uma identidade coletiva fundamental para a garantia dos direitos a serem conquistados: quilombolas. Um nome antes desconhecido, quando o direito à terra era garantido pelo uso do nome indígena, uma vez, que na compreensão em formação daquelas pessoas, os indígenas teriam direito inato à terra. A formação da consciência e uso da identidade quilombola é outro traço importante marcado no pensamento de Antonio Bispo do Santos e na centralidade que ele dá ao ato de nomear:

Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”, como dizia um dos meus grandes mestres de defesa. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também. Em outros escritos em que traduzi os saberes ancestrais de nossa geração avó da oralidade para a escrita, trouxemos algumas denominações que as pessoas na academia chamam de conceitos. A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las (Santos, 2023, p. 30).

Enfraquecer as palavras do inimigo é exatamente o que Itamar Vieira Júnior faz quando coloca uma encantada para narrar a última parte de seu romance. A narrativa de Santa Rita Pescadeira, em sua visão cosmológica, divina, ancestral eleva a escrevivência do romance para outro estado de compreensão. É através da narrativa da encantada que presenciamos a conscientização e a força da geração mãe do romance, materializada em Salu:

«Olha, dona», interrompeu Salu antes que a mulher continuasse sua pregação, «eu não tenho muita letra nem estudo, mas quero que a senhora entenda uma coisa. Eu não sou a única a morar nesta terra. Muitos destes moradores que vocês querem mandar embora chegaram muito antes de vocês. Vocês não eram nem nascidos. Muitos nasceram aqui. Tenho filhos e netos, todos nasceram em *Água Negra*. Também não posso dizer o que cada um pensa dela, tim-tim por tim-tim, porque não estou nos pensamentos de ninguém. Mas falo por mim: eu nasci em Bom Jesus, mas também nasci de alguma forma nesta terra. Cheguei aqui moça e jovem. Aqui vivi, criei meus filhos, labutei com meu marido, vi meus vizinhos e compadres serem enterrados, lá no cemitério que vocês fecharam. Fui parida, mas também pari esta terra. Sabe o que é parir? A senhora teve filhos. Mas sabe o que é parir? Alimen-

tar e tirar uma vida de dentro de você? Uma vida que irá continuar mesmo quando você já não estiver mais nessa terra de Deus? Não sei se a senhora sabe, mas eu peguei em minhas mãos a maioria desses meninos, homens e mulheres que a senhora vê por aí. Sou mãe de pegação deles. Assim como apanhei cada um com minhas mãos, eu pari esta terra. Deixa ver se a senhora entendeu: esta terra mora em mim», bateu com força em seu peito, «brotou em mim e enraizou». «Aqui», bateu novamente no peito, «é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. No meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas vocês nunca irão arrancar a terra de mim». (Júnior, 2019, p. 229)

A dor, a revolta, a conscientização, o gesto de bater no peito figuram o despertar de Salustiana Nicolau diante daqueles que a queriam destituir de tudo: da terra, dos deuses, do mundo. Este despertar de Salu junto à visão da faca por Bibiana na sacola de Belonísia foram o ponto decisivo para que a encantada as ajudasse a cumprir o destino final de contracolonizar Água Negra. A estrutura dos capítulos finais enformados pela narrativa da encantada em carregar no colo toda a trajetória de Bibiana até fazer a armadilha e de Belonisia até o corte final em Salomão é carregada pela ancestralidade de Donana que usara a mesma faca para dar cabo do estuprador de sua filha Carmelita. A encantada que tudo sabe e vê, cavalgou uma última vez em seu povo.

Considerações finais

Começo. Meio. Começo. Fio de Corte. Torto Arado. Rio de Sangue. Não há conclusão na narrativa do povo de Água negra. Há a circularidade potente daqueles que se levantaram em meio a um regime de opressão secular e decidiram unir-se. Reivindicar seu território. A estrutura do romance de Itamar Vieira Júnior, carregada de oralidade, mesmo com um estilo padrão da língua portuguesa, indica a potência de contracolonizar o discurso colonial a partir da construção de significações outras para palavras mesmas. Ao propormos uma leitura contracolonial do romance Torto Arado estamos fazendo um convite a estudantes de literatura para desafiarmos o *status quo* eurocêntrico que engessa a institucionalidade acadêmica. Não utilizamos o pensamento de Antonio Bispo do Santos como um *corpus* primário, mas como um *corpus* secundário, como fundamento teórico-filosófico para ler a narrativa estético-ficcional. Além disso, mobilizamos os conceitos de escrevivência, aquilombamento e cosmopercepção para territorializar uma epistemologia outra, não-ocidental, orgânica, não sintética, de envolvimento e não de desenvolvimento. Envolver-nos na análise e discussão de um texto fundante como Torto Arado a partir de outros textos fundantes é a enunciação de uma liber-

dade analítica e teórico-conceitual que acreditamos ser fundamental nos estudos literários hoje. Não estamos falando apenas de uma literatura brasileira ou latino-americana ou do “sul global”, mas da literatura como a conhecemos em qualquer de suas realizações. O objetivo não é reverter a hierarquia epistemológica que temos hoje, mas estabelecer uma horizontalidade de conceitos, teorias, análises que apresentem os nossos escritores e escritoras em toda a sua potência mobilizadora de futuro, pois, assim como Nego Bispo, Ailton Krenak avisa-nos constantemente que “o futuro é ancestral”.

Esta máxima de Krenak serve-nos ainda como anteparo para entendermos o lugar da literatura e da reflexão da literatura na construção de um mundo outro que promova novas formas de convivência e expectativa fora de padrões capitalistas e mercadológicos de desenvolvimento humano ou, para melhor entendermos, que deixemos a ideia de desenvolvimento para abraçarmos a ideia de envolvimento como a construção de coletividades fundadas em perspectivas outras de convivência e confluências. A capacidade de articulação entre o pensamento social, a partir das epistemologias do sul global que pavimentam a ideia de um pluriverso ou de um pensamento multicultural ou intercultural (oposto às monoculturas do saber), e os estudos literários tem se mostrado profícuas desde a década de 1970. Mas, quando tratamos de teoria literária há uma linha abissal que separa a crítica da teoria. Ao utilizarmos categorias e conceitos, ou mesmo sistemas estético-filosóficos, centrados na perspectiva eurocêntrica do mundo para sustentar análises críticas decoloniais, estamos fazendo apenas metade do trabalho. É necessário discutirmos as metodologias e as epistemologias que fundamentam os nossos discursos sobre o fenômeno literário. Neste trabalho estamos apenas no início de um percurso que promete ser longo e desafiador, mas que aparenta ser uma saída para a era de caos prometida pelo norte global com suas ameaças constantes de destruição da humanidade e do projeto de destruição das humanidades implementados junto com os mercados editoriais e com as prioridades de financiamento estabelecidas por diversas agências de fomento de pesquisa ao redor do mundo. Neste sentido, a reflexão sobre a literatura é um braço do coletivo de iniciativas que a cosmopercepção de mundo e a contracolonialidade reivindicam no processo emancipatório dos povos e comunidades ao redor do globo.

Referências

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. 5 reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / PISEA-GRAMA, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: UnB, 2015.